

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“Qual! Com estes nossos políticos não se arranja nada...”
(De Erico Verissimo, em *Clarissa*, 1933)

Renan, o supremo

► **Para salvar o presidente do Senado, apela-se ao habitual “jeitinho”, ou seja, ao recurso destinado a justificar o desmando e a ilegalidade**

Renan Calheiros desacatou a lei com sucesso e invalidou a decisão monocrática do ministro Marco Aurélio Mello, determinando o afastamento imediato do presidente do Senado, por ele ser réu em ação penal que dormitava há anos no Supremo Tribunal Federal.

A violação do senador alagoano parecia refletir um conflito institucional. O Legislativo contra o Judiciário. Falou-se na “judicialização” da política. Deus nos acuda, um fiel clamaria aos céus. Que nada.

Acudiu-nos o velho jeitinho brasileiro. Tudo demorou 24 horas. Tempo suficiente para abafar a rebeldia de Renan no manto da conciliação. Uma batalha de Itararé. Aquela que não houve.

Talvez a conjuntura fique marcada pela reação embutida na frase, um tanto preunçosa e outro tanto equivocada, do senador premiado pela desobediência às leis:



Marco Aurélio
prefere ignorar
Gilmar Mendes

“Nenhuma democracia merece isso... mesmo no Brasil não merece esse fim”.

Já não vigora no País um regime democrático, desde o golpe parlamentar. Com Dilma era uma crise. Com Temer é o caos.

Se fosse preciso provar, esse episódio demonstraria a decisão claramente política da mais alta Corte de Justiça do País. Não é comportamento inédito dos magistrados em qualquer parte do mundo. No Brasil, entretanto, tem sido mantido o mito da toga, sob a qual se abrigariam homens imparciais.

Para manter as aparências, fez-se um ensofado da regra pela qual o réu perde o direito de permanecer na linha sucessória do presidente da República. Só que, a partir de agora, a aplicação da lei passa a depender das circunstâncias.

Criado à imagem e semelhança da Suprema Corte dos Estados Unidos, o Supremo Tribunal Federal brasileiro tem sido, nos últimos tempos, marcado por ressentimentos. Eis um exemplo ocorrido agora.

“Não se afasta o presidente de um Poder por iniciativa individual e com base no pedido de um partido político... Não se corre atrás de um doido porque não sabe para onde ele vai”, disse Gilmar Mendes. Ao saber do comentário, Marco Aurélio respondeu: “Eu não posso acreditar. Sem comentários”.

A destituição de Renan Calheiros abreviaria em nove dias a função dele como presidente do Senado. Um tempo curto demais, no entanto suficientemente longo para votar duas controvertidas “joias” na pauta do governo de Michel Temer, como, por exemplo, a PEC do Teto dos Gastos Públicos e a PEC da Previdência.

Importante no Congresso, vital no Senado, Renan foi premiado com a absolvição no Supremo Tribunal Federal.

Todo ato, no entanto, tem consequência. E, por razões acacias, a consequência vem sempre depois.



Há pedras no caminho de Rodrigo Maia

O jogo político

A eleição presidencial de 2018 norteará, definitivamente, os movimentos políticos já a partir do início de 2017.

Em fevereiro, por exemplo, haverá a estratégica disputa para a presidência da Câmara.

Rodrigo Maia (DEM), presidente tampão, “deu as caras” nas manifestações dirigidas contra a corrupção na política.

Embora não fosse alvo preferencial dos manifestantes, o rosto de Maia foi exibido em cartazes no Rio de Janeiro e em outras cidades.

Há, no entanto, pedras no caminho: o veto regimental à reeleição.

Acordo?

Está nas mãos do PSDB o destino político de Maia, a exemplo do destino frágil do governo Temer. A indicação de Antonio Imbassahy para a Secretaria de Governo indica que os tucanos abriram mão da presidência da Câmara.

Na encruzilhada

Com as prováveis aprovações da PEC do Teto e da PEC da

Previdência ainda em 2016, e com a vitória do senador Renan Calheiros no Supremo, Michel Temer fecha o ano de forma positiva para ele.

Mas numa encruzilhada. A projeção favorável do mercado e, por outro lado, marcado pelos protestos de movimentos sociais.

O recesso do Congresso favorece Temer. Baixa a temperatura política.

As pesquisas, no entanto, devem elevar as restrições ao governo.

Lava Jato

Com o recesso do Judiciário, Sergio Moro sai de férias?

Ou vai esperar para mandar prender Papai Noel?

Cova de Jefferson

Há pouco mais de 11 anos, o ex-deputado Roberto Jefferson botou fogo no País ao denunciar o chamado “mensalão”.

Ele tem confessado a pessoas próximas, são poucas, que não repetiria a delação, cujo alvo foi o PT.

Prepara biografia sob os cuidados do jornalista Cássio Bruno.

Jefferson é cantor amador, além de motoqueiro. Curiosamente, já preparou a cova, em um pequeno cemitério nos fundos da casa onde mora, numa cidade próxima a Petrópolis (RJ).

Só ele e o coveiro têm a chave do local.

Voar, voar, voar

Em pouco mais de sete meses de governo, os ministros de Temer já usaram aviões da FAB por mais de 230 vezes sem justificativas permitidas.

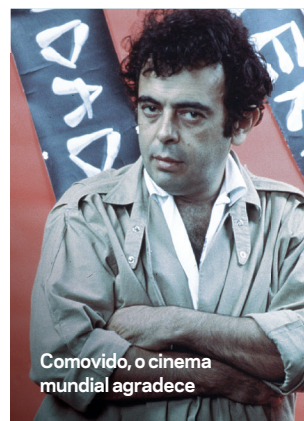
Têm mais horas de voo do que um urubu longevo.

Glauber tombado

A casa onde nasceu o cineasta Glauber Rocha, em Vitória da Conquista, será tombada como Patrimônio do Município, situado no sudoeste baiano.

O prefeito petista Guilherme Menezes justifica: “É muito justo o tombamento da casa como mais um reconhecimento do relevante papel dele para o cinema brasileiro e mundial”.

Menos, menos, senhor alcaide, embora seja justa a homenagem.



Comovido, o cinema mundial agradece

Cautela, Temer

Na cerimônia de enterro dos jogadores da Chapecoense, a veia do poeta Michel Temer falou mais alto:

“Quando vejo essa chuva que está acontecendo aqui, deve ser São Pedro chorando pela morte dos jogadores”.

Descuidado mau gosto.

Na noite do acidente, caiu chuva forte nas montanhas próximas a Medellín, onde o avião se chocou.

mauriciodias@cartacapital.com.br